

## A INTERAÇÃO SOCIAL NOS ESTUDOS DE JEAN PIAGET<sup>1</sup>

Jakeline Alencar Andrade (1)  
Doutora em Educação  
Universidade Federal do Ceará  
jakelineufc@gmail.com

### Resumo:

Os estudos da Epistemologia Genética repercutiram nas áreas das ciências humanas com destaque para a psicologia da criança e a educação. A tese interacionista do desenvolvimento cognitivo requer a consideração de fatores endógenos e exógenos atuando na construção de um sujeito psicológico, epistemológico e sócio-afetivo. No entanto, a Epistemologia Genética tem sido comumente reduzida ao enfoque do desenvolvimento cognitivo em detrimento do interindividual/social; tal visão acarretou muitas críticas no percurso da teoria piagetiana no Brasil. Nosso objetivo é explicitar o desenvolvimento psicológico e social até a conquista da autonomia, ponto de partida e chegada do sujeito coordenador de suas ações sociais. Vamos acompanhar Jean Piaget até o conceito de cooperação e autonomia. Iniciamos com sua empreitada em busca da gênese do conhecimento humano e seus principais pontos de apoio, desde sua precoce iniciação científica até a consolidação da Epistemologia Genética como teoria essencial ao entendimento do desenvolvimento humano.

**Palavras-Chave:** Epistemologia Genética. Relações Interpessoais. Desenvolvimento Moral.

### Introdução: como é possível o conhecimento

A partir de uma questão filosófica, Piaget é levado à psicologia. Sua formação inicial como biólogo e seus questionamentos sobre a adaptação de moluscos ao meio também foram, como o foi a filosofia, de grande influência para sua trajetória como pesquisador.

O problema das espécies e de suas variações em função do meio foi, segundo o próprio Piaget, o pilar de sua formação. De acordo com Yvette Hatwell (1970, p.91), a dedicação do melhor de sua atividade científica ao estudo dos progressos cognitivos do ser humano só foi possível por considerá-los uma forma altamente desenvolvida de adaptação biológica. Da biologia, Piaget empresta as noções de assimilação e acomodação; pilares de sua interpretação dos fenômenos intelectuais. O ponto de partida é a continuidade entre os processos biológicos de adaptação do organismo ao meio exterior e os processos psicológicos da inteligência que asseguram, sobre um outro patamar, a estruturação desse meio.

No plano biológico, um mecanismo duplo dirige a interpretação da relação entre o organismo e o meio:

Assimilação – mecanismo através do qual os dados exteriores se inserem no ciclo próprio do indivíduo; o objeto se sujeita às condições do indivíduo.

Acomodação – mecanismo através do qual o organismo se modifica em função das pressões exercidas pelo meio; aqui é o sujeito quem se rende ao objeto, ampliando suas possibilidades para sujeitá-lo novamente.

---

<sup>1</sup> Este trabalho constitui parte dos estudos levantados no referencial teórico para a pesquisa de doutorado, intitulada “Ética docente: estudo sobre o juízo moral dos professores” (ANDRADE, 2008).

Tais interpretações dividem as teorias biológicas entre duas correntes que consideram ora a ação preponderante dos fatores exógenos ora dos fatores endógenos nesta relação de adaptação do indivíduo ao meio.

No plano psicológico, a adaptação ocorre cada vez que o indivíduo incorpora aos seus marcos pessoais o dado da experiência. Atuar sobre um objeto para transformar suas propriedades ou suas relações, tal é o papel da assimilação. A coordenação das ações é a atividade transformadora desse processo e dará origem aos esquemas que incorporam, posteriormente, novos objetos ou acontecimentos.

E o esquema é o resultado de uma ação reproduzida tantas vezes que, uma vez fixada, se torna aplicável, por assimilação, a situações variadas e independentes daquelas que conduziram à construção do esquema. De sua própria ação, o sujeito seleciona a melhor “forma” e a “abstrai” da situação inicial, aplicando-a a outros conteúdos/situações.

A assimilação atribui uma estrutura de significação às ações, considerando, entretanto, que, tanto os movimentos das ações como os fatores de sua consolidação, são de origem afetiva e continuam vinculados a necessidades e à satisfação delas. E a acomodação é a diferenciação cada vez mais refinada das ações, ou dos esquemas de ações, para melhor adaptá-las às características dos objetos. Ou seja, acomodar é modificar seu pensamento quando este, ao se deparar com uma realidade imprevista ou desconhecida, se apresenta inoperante. Há um maior esforço de interação entre o sujeito e o objeto.

A atividade cognitiva consiste num equilíbrio entre os dois processos: a assimilação, que se torna progressivamente conservante ao invés de deformante através de equilíbrio com a acomodação, e a acomodação, que se traduz numa objetivação e exteriorização crescente do pensamento da criança. Mais que um estado, o equilíbrio pode ser interpretado como uma compensação, como o faz o equilibrista: “uma compensação dinâmica fruto da atividade do sujeito em resposta às perturbações exteriores” (Hatwell,1970;p.93). Mas esse equilíbrio não é estático. É um estado momentâneo até o próximo desequilíbrio que suscita novos processos de adaptação em consonância com os processos anteriores.

Esses são, grosso modo, os processos cognitivos que permitem, segundo Piaget, acompanhar a construção/estruturação da realidade ou o modo como o sujeito passa de um estado de menor para um de maior grau de conhecimento. Os detalhes dessa construção podem ser acompanhados em diversos dos seus estudos que explicitam a formação de estruturas desde a noção de objeto até as operações formais do pensamento.

Considerar o social, o afetivo ou conteúdos específicos é uma tarefa por demais específica e contraditória para quem tinha por objetivo os mecanismos formais do conhecer. Mesmo assim, poderemos ver adiante de que maneira as relações interpessoais ou a socialização aparecem nos estudos piagetianos.

### **O estudo da moral e das relações interindividuais**

A discussão sobre a suposta negligência piagetiana às interações sociais sempre foi alvo predileto dos críticos de Piaget, mas a forte e decisiva influência da Epistemologia Genética na construção de uma verdadeira e científica psicologia social já nos dá pistas de que muitos desses críticos partem

de leituras que desconsideram elementos e estudos cruciais da obra piagetiana. Como, por exemplo, o fato de que Piaget considera que o ser humano vem ao mundo repleto de possibilidades que nos caracterizam enquanto humanos, mas, e aí consiste o ponto crucial de toda a teoria, trata-se de características virtuais que se realizam bem ou mal de acordo com as interações do sujeito com seu meio físico ou social. Apenas essa constatação já rendeu a Piaget destaque como um dos autores do século XX precursores do rompimento da dualidade indivíduo-sociedade.

Piaget abordou diretamente as relações sociais através do estudo da moral. Freitas (2003) destaca que, apesar de ter como objetivo principal explicar como é possível o alcance do conhecimento necessário e universal, Piaget aspirava também construir uma teoria sobre a moral. Tais intenções pareciam fazer parte de um grande projeto epistemológico do mestre genebrino iniciado pela questão moral em seus primeiros estudos, que encontra continuidade no estudo da gênese do conhecimento sem, no entanto, a ela retornar. A autora afirma que, mesmo sendo lembrado como autor d'*O juízo moral na criança*' (1932), Piaget escreveu outros legados sobre a questão moral ao longo de sua vida e, tais estudos, apesar de não retomarem pesquisas empíricas sobre a moral, reforçam a ideia de que o interesse de Piaget por uma teoria da moral e das relações interindividuais não se esgotou em 1932.

A publicação sobre o desenvolvimento do juízo moral descreve o juízo que a criança faz a respeito da moral sem se ater ao comportamento infantil. Busca definir em que consiste a noção de regra através da análise da prática e da consciência das regras do jogo para a criança, voltando-se depois para as regras morais prescritas pelos adultos e questionando sobre fatos morais como os desajeitamentos, o roubo e a mentira - grandes preocupações morais infantis devidas à própria coação adulta; e, finalmente, trata das relações das crianças entre si, destacando a noção de justiça para apreensão do significado de tais relações.

O problema da moralidade conduz as pesquisas de Piaget ao centro das discussões da sociologia e da psicologia, mas propõe uma abordagem que não se atém nem ao social nem ao individual, mas à qualidade das relações entre os dois e aos resultados dessa interação (Andrade, 2003, p.55).

Os trabalhos de Piaget têm feito ver com toda clareza em que medida o desenvolvimento da sociabilidade está ligado com o da inteligência, e de que modo cada estágio da evolução da criança nos processos cognitivos imprime um tipo de estrutura bem determinada para suas relações com os outros (idem). A imagem completa do desenvolvimento social teria que evidenciar em cada estágio a interação, o jogo mútuo de processos cognitivos e afetivos. Assim, existe uma evidente relação entre o pensamento egocêntrico da criança de sete anos e a moral primitiva que se desenvolve neste momento. Piaget se pergunta sobre as relações de ordem intelectual com outros indivíduos e coloca-se o seguinte problema:

Se a lógica consiste numa organização de operações, que são definitivamente ações interiorizadas e tornadas reversíveis, pode-se conceber que o indivíduo consegue atingir sozinho esta organização, ou a intervenção de fatores interindividuais é necessária para explicar o desenvolvimento? (1965, p. 178)

Como o fez em relação ao desenvolvimento lógico, Piaget analisa as etapas do ponto de vista da socialização do indivíduo, e estas correspondem, simplesmente, às principais etapas do desenvolvimento intelectual.

No período **sensório-motor**, ainda não se poderia falar em socialização e muito menos do fator cultural da inteligência, pois é apenas neste período que poderíamos considerar uma inteligência puramente individual. Mesmo a imitação de gestos de outrem só acontece quando a criança sabe realizar tais gestos ou adquire compreensão deles. Na verdade, há indiferenciação entre o eu e o outro, de maneira que “os outros” são construídos a maneira dos objetos em geral (vide permanência do objeto), mas constituem-se, fica claro, de um motor afetivo muito mais carregado, como a figura da mãe, por exemplo (1965, p.178-9).

Já o **pré-operatório** representa um começo da socialização com características intermediárias entre o individual puro do período anterior e a cooperação do terceiro período. Assim como o pensamento permanece a meio caminho do motor e da formalização, as trocas interindividuais se situam entre o individual e o social, definida por “uma indiferenciação relativa do ponto de vista próprio e do ponto de vista do outro” (p.179).

Por um lado, com efeito, todo pensamento intuitivo está ‘centrado’ numa configuração estática privilegiada (...) e ignora a mobilidade das transformações operatórias possíveis, isto é, que não atinge uma ‘descentração’ suficiente (...) Por outro lado, todo pensamento egocêntrico consiste em centrar os objetos em função da atividade própria do momento, o que implica precisamente o pensamento por imagem ou intuição em oposição às relações objetivas de ordem operatória (PIAGET, 1965, p.180).

Dessa forma, as coações adultas ou dos mais velhos, suas prescrições e/ou seus exemplos são assimilados igualmente a essa mentalidade egocêntrica e só a transformam, pois, superficialmente. O efeito mais visível da coação adulta sobre o espírito egocêntrico da criança pré-operatória é o realismo moral: a criança concebe uma regra prescrita como sagrada e imutável, devendo ser seguida ao “pé da letra”, mas na prática não consegue manter-se fiel aos seus enunciados.

Às **operações-concretas** corresponde um significativo progresso da socialização, pois a criança torna-se capaz de pensar não mais em função somente dela, mas de coordenar, dentro do real ou possível, diferentes pontos de vista, ou seja, a criança se torna capaz de cooperação. Torna-se, assim, apta à discussão e à reflexão interiorizada, com colaboração e exposições ordenadas e compreensíveis a um interlocutor. Há, portanto, uma ligação estreita entre o desenvolvimento das operações e da cooperação:

Um ‘agrupamento’ operatório é um sistema de operações com composições isentas de contradição, reversíveis e conduzindo à conservação das totalidades vistas. Ora, está claro que o pensamento em comum favorece a não-contradição: é muito mais fácil se contradizer, quando pensamos por nós somente (o egocentrismo) do que quando os parceiros estão lá para lembrar o que dissemos anteriormente e as proposições que já admitimos (Piaget, 1965, p.180-1)

Certamente, tais relações só tendem a clarificar-se no **plano formal**, já que o pensamento hipotético-dedutivo é, antes de mais, apoiado numa linguagem (comum ou matemática) que reflete um pensamento coletivo. O que não impede, como é próprio do desenvolvimento, o aparecimento de novas centrações e novas versões do egocentrismo como produtos dessa nova realidade<sup>2</sup>.

---

2 Por exemplo: a dificuldade adolescente de coordenar pontos de vista adultos e dos adultos em coordenarem pontos de vista adolescentes por centrarem-se, ~~ambos os lados~~ no seu ponto.

A questão de Piaget parece, pois, insolúvel: as duas espécies de progresso social e intelectual andam exatamente lado a lado, sendo a única solução considerar os dois processos como indissociáveis de uma única e mesma realidade, ao mesmo tempo social e individual (p.181). Isso equivale a dizer que a própria constituição do pensamento é também social, já que o sujeito não infere uma lógica no vazio e sim sobre conteúdos que são, antes de tudo, sociais e/ou culturais.

Trata-se, pois, de compreender como as relações sociais atingem a lógica, e achamos a mesma solução no plano psicológico: as ações dos indivíduos uns sobre os outros, as quais constituem toda a sociedade, só criam uma lógica com a condição expressa de adquirirem elas também uma forma de equilíbrio, análoga à estrutura da qual podemos definir as leis no fim do desenvolvimento das ações individuais (PIAGET, 1965, p.182).

Isso só é possível porque a cooperação é um sistema de ações como qualquer outro. Assim, o equilíbrio das relações sociais, caracterizado pela cooperação, constituirá também “agrupamentos” de operações e as leis deste agrupamento é que definirão a forma de equilíbrio ideal tanto para as ações lógicas como para as relações sociais.

O **mecanismo da troca intelectual** se refere a uma troca qualitativa geral, de modo que não se dirige necessariamente a objetos ponderáveis. Assim, em qualquer troca entre indivíduos existem quatro momentos diferentes: (a) um indivíduo exerce uma ação sobre outro; (b) o outro demonstra uma satisfação que pode ser positiva, negativa ou mesmo nula; (c) a satisfação obriga ou constitui dívida de um indivíduo para com o outro; e finalmente, (d) a dívida ou obrigação constitui um valor virtual de um indivíduo para com o outro (PIAGET, 1965, p.183).

Dessa forma, **as condições de equilíbrio** de uma troca qualitativa qualquer ou de pensamento serão as que seguem: (a) necessidade de uma escala comum de valores entre um indivíduo e outro; (b) conservação dos valores atribuídos a um e outro indivíduo e (c) a reciprocidade de pensamento entre os indivíduos ou parceiros.

No entanto, é possível que os parceiros simplesmente não consigam coordenar seus pontos de vista. O **desequilíbrio devido ao egocentrismo** pode ser caracterizado pelo comportamento da criança que só compreende os outros e as coisas através de sua própria atividade, mas ocorre em qualquer idade “quando os interesses em jogo ou simplesmente a inércia adquirida se opõem à objetividade” (p.186-7) . O **desequilíbrio** também pode ser **devido à coação** dos adultos, das tradições, do grupo etc.

Somente o equilíbrio alcançado pelas trocas cooperativas de pensamento toma a forma de sistema de operações e de agrupamento. O **equilíbrio cooperativo** obedece, pois às condições antes mencionadas sobre as trocas interindividuais. Uma escala comum de conceitos, verdadeira e livre de coações de qualquer tipo, consiste num sistema de convenções ou de hipóteses que não fazem desmerecer as construções ainda possíveis.

Resumindo, para Piaget (1965, p. 193), as trocas de pensamento ou as relações interindividuais ao atingirem o equilíbrio devem ser tratadas como estruturas operatórias. Ou seja, “a forma de equilíbrio atingida pela troca nada mais é do que um sistema de correspondências simples ou de reciprocidades, isto é, um ‘agrupamento’, englobando os que são elaborados pelos parceiros mesmos”.



## Conclusão

Desta forma, o estudo dos processos psicológicos da moral, dos valores e das relações interindividuais insere-se “naturalmente” na busca dos mecanismos que regulam os progressos da inteligência, e constitui, assim como os demais dados da realidade, elementos necessários, mas não suficientes, para a compreensão desses mesmos mecanismos. No entanto, esse paralelismo entre desenvolvimento cognitivo e moral demonstrado por Piaget abre caminho para novas interpretações, novas possibilidades de se pensar a moralidade humana não apenas do ponto de vista da aceitação das regras, mas do processo de construção de um sujeito inteligente e moral.

## Referências

ANDRADE, Jakeline Alencar. *Ambiente sociomoral e desenvolvimento da autonomia*. - Porto Alegre: PPGEdU/UFRGS, 2003. Dissertação de mestrado.

FREITAS, Lia. *A moral na obra de Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez, 2003.

HATWELL, Yvette. A propósito de las nociones de asimilación e acomodación en los procesos cognitivos. In: AJURIAGUERRA, J., BRESSON, F., INHELDER, B. *Psicología y epistemología genéticas. Temas piagetianos*. Buenos Aires: Proteo, 1970.

PIAGET, J. [1932] *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.

\_\_\_\_\_. [1965] *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.